



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO CEARÁ**  
**UNIVERSIDADE ABERTA DO SUS (UNA-SUS) - NÚCLEO DO CEARÁ**  
**NÚCLEO DE TECNOLOGIAS EM EDUCAÇÃO A DISTÂNCIA EM SAÚDE**  
**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO EM SAÚDE DA**  
**FAMÍLIA**

**YULIER MANUEL GARCÍA SUÁREZ**

**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A PREVENÇÃO DOS FATORES DE**  
**RISCO NAS INFECÇÕES VAGINAIS NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DE**  
**IAPÍ, MUNICÍPIO DE INDEPENDÊNCIA - CEARÁ**

**FORTALEZA**

**2018**

**YULIER MANUEL GARCÍA SUÁREZ**

**PROPOSTA DE INTERVENÇÃO PARA A PREVENÇÃO DOS FATORES DE RISCO NAS INFECÇÕES VAGINAIS NA UNIDADE BÁSICA DE SAÚDE DE IAPÍ, MUNICÍPIO DE INDEPENDÊNCIA - CEARÁ**

Trabalho de Conclusão de Curso submetido à Coordenação do Curso de Especialização em Saúde da Família, modalidade semipresencial, Universidade Aberta do SUS (Una-SUS) - Núcleo Do Ceará, Núcleo de Tecnologias em Educação a Distância Em Saúde, Universidade Federal do Ceará, como requisito parcial para obtenção do Título de Especialista.

Orientador: Prof<sup>o</sup>. Wanderson Alves Martins

**FORTALEZA**

**2018**

## SUMÁRIO

1. Introdução -----	1
2. Situação Problema -----	4
3. Justificativa -----	5
4. Objetivos -----	7
4.1. Objetivo Geral -----	7
4.2. Objetivos Específicos -----	7
5. Revisão de Literatura -----	8
6. Metodologia -----	15
7. Recursos Necessários -----	17
8. Cronograma -----	18
9. Conclusão -----	19
Referencias bibliográfica -----	20

## **RESUMO**

As infecções vaginais estão entre os problemas de saúde mais comuns nos consultórios da atenção básica, sendo o exame de colpocitologia oncótica (Papanicolau) um importante método para o reconhecimento e controle dessas alterações inflamatórias e infecciosas do trato genital feminino. O objetivo deste trabalho é realizar uma proposta de intervenção para prevenir os fatores de risco das infecções vaginais. Serão convidadas para participar do plano de intervenção mulheres com idade acima de 18 anos assistidas pela Unidade Básica de Saúde de Iapi, município Independência-Ceará. Ressalta-se a importância da orientação e educação nesse contexto social, abordando temas simples como cuidados com higiene, educação sexual e o valor da realização do exame Papanicolau. Foi demonstrado elevado conhecimento e domínio pela equipe de saúde sobre as infecções vaginais, e se mudou um número de fatores de riscos da doença, mas ainda temos que continuar trabalhando para melhorar a qualidade de vida das pacientes da comunidade.

**Palavras-chave:** Infecções vaginais. Fatores de risco. Prevenção.

## ABSTRACT

Vaginal infections are among the most common health problems in primary care practices, and the oncotoc colpocitology (Papanicolau) is an important method for the recognition and control of these inflammatory and infectious female genital tract changes. The objective of this work is to carry out an intervention proposal to prevent the risk factors of vaginal infections. Will be invited to participate in the intervention plan women over 18 years of age assisted by the Basic Health Unit of Iapi, Independência-Ceará municipality. It is important to emphasize the importance of guidance and education in this social context, addressing simple topics such as hygiene care, sex education and the value of performing the Pap smear. It has been shown high knowledge and mastery by the health team about vaginal infections, and has changed a number of risk factors for the disease, but we still have to continue working to improve the quality of life of patients in the community.

**Keywords:** Vaginal infections. Risk factors. Prevention.

## 1 INTRODUÇÃO

A morfologia e fisiologia da vulva e da vagina mudam ao longo da vida. Durante as diferentes fases da vida da mulher (puberdade, ciclo menstrual, gravidez e menopausa) surgem importantes variações influenciadas principalmente pelo estado hormonal. As diferentes condições fisiológicas e variáveis, como o uso de agentes contraceptivos, a frequência do coito, o duche vaginal, o uso de pensos diários e desodorizantes vaginais, a utilização de antibióticos ou outros medicamentos com atividade imune ou endócrina, influenciam a composição do meio (BRASIL, 2014).

O trato genital feminino possui vários mecanismos de defesa contra agentes infecciosos que atuam de forma sinérgica e complementar. Os mecanismos iniciais de defesa incluem: barreira epitelial, síntese de muco protetor, pH vulvar e vaginal, microflora vulvar e vaginal e componentes inespecíficos inerentes à imunidade inata (células fagocitárias e reação inflamatória) (NESS, 2013).

A integridade e o tropismo da mucosa são importantes fatores de proteção. Constituem uma superfície capaz de sofrer distensão, retração e adaptação a diversas circunstâncias. O equilíbrio da barreira cutânea pode ser facilmente alterado pelo uso de determinado tipo de vestuário, de pensos higiênicos, menstruação e uso de produtos de higiene inadequados. O pH da vulva é menor em relação a outras partes do corpo em aproximadamente uma unidade ( $5,99 \pm 0,45$ ), o que tem repercussões na flora microbiana e na seleção dos preparados tópicos disponíveis. A manutenção do pH ácido nesta região é fundamental na prevenção e controlo de doenças, pelo que a sua alteração, pela oclusão e uso de produtos alcalinos, facilita o aparecimento de algumas dermatoses. Quando estas linhas de defesas iniciais falham, é acionada a resposta imune específica, que pode ser do tipo celular ou humoral, dependendo do tipo de antígeno (TANAKA, 2012).

Para além destes mecanismos de defesa, existem outras formas de antagonismo microbiano, como a secreção de toxinas bacterianas, endo ou exotoxinas, mecanismos enzimáticos que, até ao momento, não são bem conhecidos, capazes de se ligar e desestabilizar a membrana citoplasmática das bactérias. A infecção vaginal surge quando o órgão genital feminino é infectado por algum tipo de microorganismo, sendo que os fungos, como a *Candida*, são os mais frequentes, podendo também ser por bactérias, vírus ou amebas (KOUMANS, 2011).

Geralmente, a infecção vaginal provoca sintomas como coceira intensa na região íntima, vermelhidão, corrimento esbranquiçado e cheiro fétido, por exemplo, e algumas infecções mais comuns incluem: candidíase, vaginose bacteriana, tricomoníase, herpes genital, HPV, clamídia, gonorreia, sífilis.

Estas infecções costumam ser transmitidas pelo contato íntimo, entretanto, a candidíase pode surgir em caso de alterações do pH vaginal e da flora bacteriana, comum em mulheres que passam por um processo de queda da imunidade ou estresse. Para mais informações sobre cada tipo de infecção, confira as como identificar e tratar as infecções genitais mais comuns (HOLANDA, 2010).

A infecção vaginal tem cura e o seu tratamento deve ser orientado por uma ginecologista, pois é necessário identificar qual o organismo que está provocando a infecção e qual o remédio mais adequado para eliminá-lo.

Os sintomas variam de acordo com o agente causador, mas alguns sinais e sintomas típicos são: dor ou ardor ao urinar; dor durante as relações; coceira na região íntima; corrimento com ou sem mal cheiro; feridas, úlceras ou verrugas na região íntima; vermelhidão de toda a área afetada; dor no baixo ventre.

Estes sintomas podem aparecer de forma isolada ou associada, sendo comum que a mulher apresente pelo menos dois destes sintomas. Além disso, é importante lembrar que outras doenças podem causar alguns dos sintomas, como dor na barriga ou durante a relação, por exemplo, sendo que a principal forma de identificar e confirmar que se trata de uma infecção genital é através da consulta com o ginecologista, que poderá fazer uma avaliação minuciosa e solicitar exames, se necessário. Assim, outras alterações como alergias ou alterações hormonais também podem causar estes sintomas (LEITE, *et al.*, 2013).

Nossa Unidade de Saúde mostra alta frequência de infecções genitais e a necessidade de medidas de prevenção, como o rastreamento de infecções sexualmente transmissíveis e programas de redução de risco em mulheres que procuram o serviço, é por isso a realização do trabalho.

O objetivo do trabalho de Conclusão de Curso de Especialização a prevenção dos fatores de riscos das infecções vaginais em na Unidade Básica de Saúde em Iapí, município de Independência, Ceará, realizado em mulheres de 15 a 49 anos, atendidas pelo Programa Saúde da Família (PSF). As mulheres escolhidas deverão estar submetidas a um exame ginecológico há menos de um ano e ter histórico de tratamento recente (nos últimos três

meses) para infecções genitais. Se aplicará entrevista contendo dados sócio-demográficos, clínicos e comportamentais.

## **2 PROBLEMA**

Tendo em conta todos os elementos descritos acima, surge a seguinte indagação: Como contribuir através de uma proposta de intervenção para a prevenção dos fatores de risco nas infecções vaginais no posto de Saúde de Iapí, do município de Independência - Ceará?

Para a realização do estudo foi definido como objeto de estudo: infecções vaginais. Em correspondência com o problema científico e levando em consideração o objeto de estudo, é necessário como campo de ação: a prevenção de fatores de risco de infecções vaginais no posto de saúde de Iapí. Em correspondência com o problema científico, surge a Hipótese: Se for aplicada uma proposta de intervenção, contribuirá para a prevenção dos fatores de risco de infecções vaginais no posto de saúde de Iapí.

### 3 JUSTIFICATIVA

As infecções do trato reprodutivo (ITR), incluindo infecções sexualmente transmissíveis (IST), merecem atenção especial da saúde pública, aproximadamente 70% das queixas em consultas ginecológicas são por infecções vaginais. As IST estão entre as primeiras cinco categorias de doenças para as quais adultos em países em desenvolvimento buscam ajuda médica; geralmente, elas causam desconforto e perda de produtividade econômica. As seqüelas mais sérias e de maior duração surgem nas mulheres: doença inflamatória pélvica, câncer cervical, infertilidade, aborto espontâneo e gravidez ectópica, que pode levar ao óbito materno. A presença de uma IST aumenta de três a cinco vezes os riscos de se adquirir e transmitir a infecção por HIV, e a vaginose bacteriana pode ser um co-fator de transmissão do HIV, principalmente entre mulheres jovens (WHO; 2012).

As infecções vaginais estão significativamente associadas a fatores de risco como número de parceiros sexuais, higiene inadequada, alterações hormonais, imunossupressão, Diabetes Mellitus e a alta taxa de não uso de preservativo, mostrando a necessidade de campanhas educacionais sobre comportamento sexual e uso do preservativo, direcionada a mulheres com parceiros estáveis (BRASIL, 2014).

Os fatores de risco listados acima são aqueles que comprovadamente influenciam no risco da mulher desenvolver uma infecção vaginal. Há muitos outros, mas estes não apresentam resultados consistentes nos estudos clínicos realizados. Portanto, é possível, mas não é definitivamente correto que afirmar que os seguintes fatores aumentam o risco das mesmas: roupas apertadas, biquíni molhado, métodos anticoncepcionais intravaginais, tais como DIU, diafragma ou esponja vaginal, ducha vaginal, absorvente interno.

Como esses possíveis fatores de risco, apesar de não serem comprovados, podem ser evitados, faz sentido que as mulheres que apresentam infecções vaginais, sobretudo candidíase vulvovaginal recorrente tentem se resguardar. No entanto, quem nunca teve candidíase vulvovaginal ou teve somente um ou dois episódios ao longo de vários anos não precisa se preocupar com esses possíveis fatores de risco, pois eles não são assim tão relevantes (VAN BULCK, SPITZ, 2000).

A ausência de dados precisos sobre o número de casos de infecções vaginais e sobre os padrões de comportamento das mulheres que buscam atendimento no PSF em Iapí motivou a realização desse estudo para o conhecimento da realidade local e o planejamento de estratégias de intervenção e prevenção para esta população. O principal objetivo deste estudo é descrever as taxas de prevalência e o perfil clínico e comportamental para infecções genitais

em mulheres atendidas em uma unidade primária do PSF, além dos principais fatores de risco dessas doenças.

Este estudo sobre infecções vaginais em mulheres atendidas na Unidade Básica de Saúde em Iapí, procura investigar a infecção por clamídia, gonorréia e tricomoníase e os riscos relacionados a essas infecções. Nossa população tem uma alta prevalência de pelo menos uma dessas infecções e é perceptível o crescente número de casos dessas morbidades em pacientes após a menarca e em vida sexual ativa. Isso demonstra uma preocupação acerca da saúde feminina, pois é uma condição clínica que pode acarretar complicações crônicas e irreversíveis para o aparelho reprodutivo da mulher, predispondo também ao aparecimento de outras doenças sexualmente transmissíveis.

## **4 OBJETIVOS**

### **4.1 OBJETIVO GERAL**

Realizar uma proposta de intervenção para a prevenção dos fatores de risco das infecções vaginais no posto de saúde Iapí.

### **4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS**

Reduzir a incidência e a prevalência de pacientes portadoras de infecções vaginais assistidas à consulta;

Reconhecer e agir sobre os fatores de risco para o aparecimento de infecções vaginais nas pacientes atendidas no PSF;

Realizar educação em saúde sexual e reprodutiva para diminuir os fatores de risco mais associados ao aparecimento das infecções vaginais;

Tratar adequadamente as infecções vaginais já diagnosticadas na comunidade.

## 5 REVISÃO DE LITERATURA

As infecções sexualmente transmissíveis (IST) merecem atenção especial da saúde pública. As IST estão entre as primeiras cinco categorias de doenças para as quais adultos em países em desenvolvimento buscam ajuda médica; geralmente, elas causam desconforto e perda de produtividade econômica. As seqüelas mais sérias e de maior duração surgem nas mulheres: doença inflamatória pélvica, câncer cervical, infertilidade, aborto espontâneo e gravidez ectópica, que pode levar ao óbito materno (ANDRADE, 2013).

A presença de uma IST aumenta de três a cinco vezes os riscos de se adquirir e transmitir a infecção por HIV, e a vaginose bacteriana pode ser um co-fator de transmissão do HIV, principalmente entre mulheres jovens. O manuseio efetivo das infecções genitais é importante para o controle de IST, uma vez que ele previne o desenvolvimento de complicações e seqüelas, diminui o avanço dessas infecções na comunidade e oferece uma oportunidade única para uma educação direcionada sobre a prevenção do HIV. O tratamento adequado dessas infecções num primeiro contato entre pacientes e profissionais de saúde é, portanto, uma importante medida de saúde pública. No caso das mulheres, há o potencial de se influenciar o futuro comportamento sexual e o hábito de buscar tratamento em um estágio inicial da história natural da doença (BOATTO, 2015).

As infecções vaginais se caracterizam pela inflamação ou infecção da vulva e da vagina, que também pode ser chamada de vulvite ou vaginite. É uma condição comum que afeta pessoas de todas as idades. Tem uma variedade de causas, tipos mais comuns de vaginites são:

- Vaginose bacteriana: resultado da proliferação de algum dos vários organismos, principalmente a *Gardnella Vaginallis*, *Peptoestreptococcus* e *Micoplasma hominis*, que podem ou não estar presentes na cavidade vaginal
- Infecções fúngicas: são geralmente causadas por um fungo que está presente naturalmente na vagina, denominado *Candida albicans*
- Tricomoníase: doença causada por um parasita e geralmente transmitida por meio de relações sexuais.
- Atrofia vaginal ou vaginite atrófica: acontece quando há redução dos níveis de estrogênio no corpo (BARACAT, 2011).

As principais causas que podemos citar:

## Bactérias

Crescimento excessivo de certas bactérias podem causar vulvovaginite. Essas bactérias incluem Streptococcus, Gardnerella e Staphylococcus. Uma infecção bacteriana geralmente provoca um corrimento branco-acinzentado que pode ou não ter cheiro. No entanto, cerca de metade das mulheres com este tipo de infecção não tem sintomas.

## Fungos

Uma das causas mais comuns de infecção vaginal é a candidíase. Essa infecção por fungos geralmente provoca coceira vaginal e um corrimento espesso, branco. A infecção por fungo muitas vezes é causada pelo uso de antibióticos, uma vez que eles podem matar as bactérias que mantem o equilíbrio da flora vaginal.

## Vírus

Os vírus que podem causar vulvovaginite incluem o da herpes simples e o vírus do papiloma humano (HPV) e herpes vírus.

## Parasitas

Vermes, sarna e piolhos podem causar infecções da vulva e vagina.

## Fatores Ambientais

Falta de higiene e alergias podem causar infecção vaginal. Roupas apertadas podem causar irritação quando friccionam a pele. Isso deixa a região mais suscetível à vulvovaginite do que a pele normal. Irritação também pode atrasar a recuperação. (BARACAT, Edmund C. et al. Ginecologia. 1ª edição. Barueri- SP: Editora Manole, 2011.)

## Químicos

Alguns produtos químicos: sabonetes, banhos de espuma, absorventes perfumados, cremes e outros cosméticos, preservativo (LEITE, 2010).

Mulheres na pós-menopausa têm um menor nível de estrogênio. Isso pode causar secura vaginal e afinamento da pele ao redor dos órgãos genitais. Como consequência, a pessoa se torna mais suscetível à coceira e queimação.

Fatores de risco:

Fatores que aumentam o risco de desenvolver infecções vaginais incluem:

- Alterações hormonais, tais como aquelas decorrentes da gravidez, uso de pílulas anticoncepcionais ou menopausa
- Atividade sexual
- Ter uma doença sexualmente transmissível.
- Uso prolongado de medicamentos, como antibióticos e esteroides (HOLANDA, Antônio A. R. et al. Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante (DI BELLA, 2010).

Sintomas de Vulvovaginite

As características do corrimento vaginal podem indicar o tipo de vaginite. Os exemplos incluem:

- Vaginose bacteriana: corrimento de odor fétido branco acinzentado. O odor, muitas vezes descrito como cheiro de peixe, pode ser mais óbvio após a relação sexual
- Infecção por fungos: o principal sintoma é a coceira, mas você pode ter um corrimento branco e espesso que se assemelha ao queijo cottage
- Tricomoníase: pode causar um corrimento amarelo, espumoso, por vezes é verdeado. (NESS, 2015).

O tratamento para a infecção dos órgãos genitais é feito com o intuito de eliminar os microorganismos causados:

O tratamento para infecção vaginal normalmente é feito com o uso de antifúngicos, como Clotrimazol ou Miconazol, sob a forma de pomada, comprimidos vaginais ou óvulos que devem ser aplicado até 3 dias ou em uma só aplicação, para combater fungos.

No entanto, quando a infecção é provocada por outro tipo de micro-organismos, como bactérias, o médico pode prescrever o uso de antibióticos orais ou de aplicação vaginal, como Clindamicina ou Metronidazol, por exemplo, para eliminar a bactérias e aliviar os sintomas. Já em caso de verrugas genitais causadas pelo HPV, também está indicado um procedimento de cauterização das lesões. Além disso, é recomendado utilizar sempre

camisinha durante o contato íntimo, pois existe chance de passar o microorganismo para o parceiro e depois voltar a ficar infectada após o tratamento.

Durante o tratamento da infecção genital, é recomendado beber muito líquido ao longo do dia, evitar o consumo excessivo de álcool, açúcar e alimentos com gordura.

Além disso, outra dica importante que ajuda a reforçar o sistema imune e a evitar infecções vaginais consiste em ingerir cerca de 1,5 litros de água por dia e dar preferência para verduras, legumes e frutas (FERRACIN, 2015).

Alguns cuidados que ajudam a evitar o desenvolvimento de infecções vaginais incluem:

- Evitar utilizar calças muito apertadas;
- Evitar o uso excessivo de duchas íntimas;
- Manter a região íntima sempre limpa e seca.
- Tenha uma dieta equilibrada. Alguns estudos dizem que o consumo de iogurtes ricos em lactobacilos possa ajudar na prevenção das infecções, mas não é comprovado. No entanto, ter uma dieta adequada ajuda o organismo a funcionar e combater doenças com mais eficiência.
- Controle o diabetes.
- Evite o uso desnecessário de antibióticos.
- Após a micção, limpe a vagina em um movimento de frente para trás, evitando assim a propagação de leveduras ou bactérias do ânus para a vagina ou trato urinário.
- Use roupas íntimas de algodão e evite tecidos sintéticos. Isso ajuda a manter a área arejada e evita a proliferação de bactérias e fungos.
- Não faça duchas íntimas nem use desodorantes pós, ou perfumes na área genital. Esses itens podem alterar o equilíbrio normal de organismos da vagina.
- Mantenha hábitos de sexo seguro. Use camisinha.

É importante lembrar que a principal forma de evitar qualquer infecção vaginal é com o uso de preservativos, tanto masculino quanto feminino. (FEUERSCHUETTE, 2010).

O diagnóstico é realizado um exame pélvico. Ao examinar a vagina, o médico coleta uma amostra do corrimento (se houver) com uma haste flexível com algodão na ponta. A amostra é examinada por microscopia. Munido destas informações, o médico geralmente pode determinar se a causa é a vaginose bacteriana, vaginite por *Trichomonas* ou uma infecção fúngica. Normalmente, o médico utiliza também uma haste de algodão para coletar uma amostra de líquido do colo do útero. A amostra é analisada quanto a doenças sexualmente

transmissíveis. Exame e análise de amostras do corrimento e/ou do líquido do colo do útero (FARIA, 2012).

Geralmente, as infecções vaginais não causam sérias complicações. Em mulheres grávidas, no entanto, a vaginose bacteriana sintomática e a tricomoníase tem sido associadas com partos prematuros e bebês de baixo peso ao nascer. As mulheres com tricomoníase ou vaginose bacteriana também estão em maior risco de contrair o HIV e outras DSTs. (LIMA, 2013).

O ideal é reduzir a frequência de relações sexuais durante o tratamento das infecções vaginais, principalmente se for tricomoníase, que é uma DST. A vulvovaginite leva cerca de uma a duas semanas para ser eliminada do organismo se tiver tratamento adequado. Portanto, é importante seguir as orientações médicas e ingerir a medicação indicada (BRASIL, 2012).

Outras medidas para tratar as infecções incluem:

- Usar absorventes externos durante o tratamento, pois os internos podem absorver os cremes
- Evitar o uso de sabonetes perfumados para limpar a região durante o tratamento. Utilize sabão neutro
- Caso as relações sexuais sejam dolorosas, use um lubrificante à base de água para reduzir irritação. Mas atenção: óleos ou cremes antifúngicos podem enfraquecer o látex, e nesse caso camisinhas podem falhar
- Se a área genital ficar inchada ou dolorida, experimente fazer um banho de assento em água normal, ou então colocar um pano frio e úmido sobre a área. Não esfregue para tentar aliviar a coceira (LEITE, 2010).

## 6 METODOLOGIA

O estabelecimento de ações efetivas de controle social e epidemiológico das infecções vaginais representa um grande desafio. A primeira ação a ser realizada será a Capacitação de enfermeiros, técnicos de enfermagem, agentes comunitários de saúde, da Unidade Básica de Saúde, com o objetivo de instruir todos os profissionais em relação à prevenção dos fatores de risco nas infecções vaginais. Espera-se que, a partir da capacitação, todos os profissionais da unidade saibam e compreendam do que se tratam as infecções vaginais, e o modo de prevenir os principais fatores de risco, bem como a importância da realização do exame de Colpocitologia oncótica.

Depois de realizada a aula expositiva sobre o tema, reuniremos toda a equipe da Unidade e será criado o Grupo de Assistência à Saúde Sexual Feminina na UBS Iapí, que consistirá em encontros semanais para atrair as pacientes da comunidade a frequentarem a UBS, tirarem suas dúvidas acerca do universo sexual feminino, serão realizadas rodas de conversa sobre temas pertinentes de Saúde da Mulher, sempre chamando atenção para necessidade de diagnóstico, tratamento e seguimento dos casos de infecções. Outros temas de grande valia para a comunidade feminina serão abordados nos Grupos semanais, como doenças sexualmente transmissíveis, por exemplo.

Ao final de cada grupo, serão distribuídas as Fichas de Acompanhamento Individual, onde as pacientes poderão escrever suas dúvidas, seus hábitos de vida e higiene que possam estar relacionados ao aparecimento de infecções, quantos episódios de corrimento patológico apresentaram no último ano, o que conseguiram compreender das rodas de conversa e principalmente, sugestões para melhorar e otimizar o Grupo de Assistência à Saúde Sexual Feminina da UBS Iapí. As fichas de acompanhamento individual nos darão embasamento técnico e nortearão as futuras discussões, sempre na tentativa de aproximar e acolher a paciente ao Programa de saúde da Mulher da Unidade básica de Saúde, como também contribuirão para entender quais os principais fatores de risco associados ao aparecimento de infecções vaginais na nossa Comunidade.

Os agentes comunitários de saúde terão papel primordial na busca ativa de pacientes e divulgação dos encontros semanais do Grupo de Assistência à Saúde Sexual Feminina na UBS Iapí, que serão realizados todas as quartas-feiras no período vespertino no auditório da UBS Iapí. Após os encontros semanais, as marcações de consultas agendadas com o médico e enfermeiro serão realizados na secretaria da UBS, bem como agendamento do exame Papanicolau, quando houver indicação.

Descrição da Metodologia do Plano de Ação:

### **AÇÃO A SER REALIZADA**

Capacitação de enfermeiros, técnicos de enfermagem e agentes comunitários de saúde.

Criação do Grupo de Assistência à Saúde Sexual Feminina da UBS Iapí.

### **OBJETIVO DE AÇÃO**

Orientar a equipe sobre a temática infecção vaginal e saúde sexual feminina.

Acolher, orientar e promover educação em saúde paciente assistidas pela UBS Iapí na temática infecção vaginal e saúde da mulher.

### **COMO SERÁ REALIZADA**

Palestra realizada na UBS com duração de 2 horas sobre infecção vaginal

A equipe multidisciplinar da UBS conduzirá rodas de conversas sobre temas do universo sexual feminino com ênfase na prevenção de fatores de risco das infecções vaginais.

**LOCAL:** Auditório da UBS Iapí.

**RESPONSÁVEIS:** Médico da UBS. Equipe multidisciplinar da UBS.

### **PARÂMETROS DE AVALIAÇÃO**

Supervisão das atividades desenvolvidas durante o Plano de ação.

Fichas de Acompanhamento Individuais.

## **7 ANÁLISE DE DISCUSSÃO DOS RESULTADOS**

Com esse plano de ação se obteve a capacitação e atualização cada vez maior de profissionais de saúde sobre a Saúde da Mulher, o que consiste em um ganho importantíssimo para a comunidade, pois são os profissionais que atuam na Atenção básica de suas localidades que promovem e propagam educação em saúde, é importante garantir que essas informações estejam sendo repassadas corretamente.

Outro resultado gerado por esse plano de ação consistiu na identificação dos principais fatores de riscos associados ao aparecimento de infecções vaginais em pacientes assistidas pela UBS Iapí, o que trará benefícios para fortalecer ações de preventivas no âmbito da saúde feminina do SUS. Além disso, utilizamos do plano de ação como meio de atrair, acolher e cadastrar mais pacientes no Programa Saúde da Mulher da UBS Iapí, realizando o seguimento dessas pacientes, exames de rastreio quando indicados, aumentando assim, a demanda de realização de exames de Papanicolau.

E por fim, o impacto mais importante sem dúvida é a Implantação do Grupo Semanal de Assistência à Saúde Sexual feminina da UBS Iapí, que tem como objetivo principal aproximar a paciente da UBS, melhorar o conhecimento da população feminina sobre temas de saúde sexual e educação em saúde ginecológica, acarretando com isso a diminuição em pelo menos 50% da incidência e da prevalência de Infecções vaginais e Doenças sexualmente transmissíveis na comunidade feminina assistida pela UBS Iapí.

## **8 CRONOGRAMA**

<b>CONOGRAMA DE ATIVIDADES 2018</b>												
Atividades	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	12
Ação 1 Análise situacional do município para escolha do tema	x	X	x									
Ação 2 Pesquisa bibliográfica sobre infecções vaginais	x	X	x									
Ação 3 Capacitação dos profissionais de saúde sobre o tema através de palestra ministrada pela médica da UBS Iapí			x	x								
Ação 4 Divulgação do Grupo de Assistência à Saúde Sexual Feminina da UBS Iapí pelos ACS na Comunidade			x	x								
Ação 5 Início das atividades do Grupo de Assistência à Saúde Sexual Feminina e assistência clínica através de consultas junto à comunidade			x	x								
Ação 6 Avaliação dos resultados				x	x							
Ação 7 Elaboração do informe final				x	x							

## 9 RECURSOS NECESSÁRIOS

RECURSOS NECESSÁRIOS	Quantidade	Valor unitário (RS)	Valor total
Papel A4	1	30	30
Cartuchos	1	128	128
Notebook	1	1890	1890
Impressora	1	200	200
Projektor	1	100	100

## **10 CONCLUSÃO**

O estudo realizado conseguiu caracterizar as mulheres com infecções vaginais, evidenciando número elevado de mulheres. As ações propostas melhoraram o trabalho para a prevenção de fatores de risco de infecções vaginais, agindo no diagnóstico precoce, na diminuição da incidência e prevalência de casos de infecções vaginais das pacientes assistidas pela UBS Iapi, promovendo tratamento e rastreamentos adequados. Logrou-se a conscientização e promoção em saúde para informar acerca de temas pertinentes em educação sexual, reprodutiva, higiene íntima e hábitos de vida, priorizando também o acolhimento da mulher na Unidade de saúde, reforçando a necessidade de realização do exame Papanicolau, quando devidamente indicado. Os impactos são muitos, e positivos. Sendo preciso colocá-lo em prática, para diminuir as infecções vaginais, que constituem um importante problema de saúde em nossas comunidades.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ANDRADE, M. V. R. F. Análise dos exames citopatológicos e prevalência de vulvovaginites em Crixás do Tocantins -TO. **An Congr Bras Med Fam Comunidade**. Belém- PA, 2013; 12:1232.
- BOATTO, Humberto F. et al. O papel dos parceiros sexuais sintomáticos e assintomáticos nas vulvovaginites recorrentes. **Revista Brasileira de Ginecologia e Obstetrícia**. São Paulo- SP, 2015.Vol. 37, n 7, 314-318.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Secretaria de Vigilância em Saúde.Programa Nacional de DST e Aids. **Manual de controle das doenças sexualmente transmissíveis**. Brasília: Ministério da Saúde; 2014).
- \_\_\_\_\_. Secretaria de Atenção à Saúde. Departamento de Atenção Básica. **Controle dos cânceres do colo do útero e da mama**. Ed. 13. Brasília: Editora MS, 2012.
- BRINGEL, Ana Paula V. et al. Análise dos laudos de Papanicolau realizados em uma Unidade Básica de saúde. **Rev. Cogitare Enfermagem**. Juazeiro do Norte- CE, 2012. V.17(4):745-51.
- DI BELLA, Katalin et al. O uso de sabonetes íntimos femininos. **Rev. Femina**. Florianópolis- SC, 2010. Vol. 37, nº 4.
- FARIA, Priscila F. M. et al. Frequência de Diagnósticos de Candidíase em Mulheres Atendidas em uma Clínica de DST. RFM – **Rev. Fluminense Medicina**. Rio de Janeiro- RJ, 2012. V. 36-77(1-2):23-26 - ISSN: 2238-9423.
- FERRACIN, Ingryt et al. Corrimento vaginal: causa, diagnóstico e tratamento farmacológico. **Rev. Infarma**, Maringá-PR, 2015. V. 17, n. 5-6, p. 82-86.
- FEUERSCHUETTE, Otto H. M. et al. Candidíase vaginal recorrente: manejo clínico. **Rev. Femina**. Florianópolis-SC, 2010. Vol. 38, nº 2.
- HOLANDA, Antônio A. R. et al. Candidíase vulvovaginal: sintomatologia, fatores de risco e colonização anal concomitante. **Rev. Bras. Ginecol. Obstetrícia**. Rio de Janeiro-RJ, 2010. V. 29(1):3-9.
- KOUMANS, Henry et al. Bacterial Vaginosis Working Group. Preventing adverse sequelae of bacterial vaginosis: a public health program and research agenda. **Sex Transm Dis**. Atlanta- Georgia, USA. 2011. V. 28:292-7.
- LEITE, Sonia R. R. de F. et al. Perfil clínico e microbiológico de mulheres com vaginose bacteriana. **Rev. Bras. Ginecol. Obstet.**, Recife-PE,2010. V. 32, n. 2, p. 82-87.

LIMA, Thais M. et al. Corrimentos vaginais em gestantes: comparação da abordagem sindrômica com exames da prática clínica da enfermagem. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo- SP, 2013. Vol. 47, n 6, 1265-1271.

NESS, Robbin et al. A cluster analysis of bacterial vaginosis associated microflora and pelvic inflammatory disease. **Am J Epidemiology**. Pittsburgh, PA, USA. 2015; 162:585-90.

TANAKA, Vanessa A. et al. Perfil epidemiológico de mulheres com vaginose bacteriana, atendidas em um ambulatório de doenças sexualmente transmissíveis em São Paulo, SP. **An. Bras. Dermatologia**. São Paulo- SP, 2012. Vol. 82, n. 1, p. 41-46.

WHO. **Incidence of selected curable sexually transmitted infections: overview and estimates**. Geneva: WHO; 2012.